

NOMES-MÁSCARAS: UMA LEITURA ONOMÁSTICA DOS PERSONAGENS E RUAS NO CONTO PAI CONTRA MÃE

Autor: João Irineu de França Neto
Mestre em Letras – UFPB

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade analisar a construção lingüística e sócio-histórica dos nomes próprios, enquanto recursos de caracterização, no conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, que tem como temática central a Escravidão. A categoria analítica *nomes-máscaras*, que intitula nosso estudo, foi retirada do ensaio *Temática*, do formalista russo B. Tomachvski. Partindo de tal categoria, buscamos significações sócio-históricas e ideológicas dos nomes dos personagens e de ruas onde se dá a ação dos mesmos, analisando a relevância de tais recursos no processo mimético, em que fatores simplesmente históricos ou sociais referentes à escravidão do negro se transformam em elementos internos na construção da trama nesta narrativa machadiana.

1 NOMES-MÁSCARAS

Segundo Tomachevski (1978), autor do ensaio “Temática”, a caracterização de um personagem consiste num dos procedimentos composicionais mais importantes nas narrativas literárias. Tal procedimento pode ser definido como um sistema de motivos que permitem ter a descrição de traços da psique do personagem, isto é, a identificação de seu caráter.

Neste sentido, o meio mais simples de caracterização de um personagem é designação do herói através de um nome próprio, o que nos leva a refletir sobre a funcionalidade estética dos nomes na linguagem literária, diferente de seu uso na língua cotidiana que possui uma finalidade estritamente comunicativa, sem uma necessária elaboração artística. Na contística machadiana tal recurso de caracterização ganha um aspecto irônico, não somente no tocante aos nomes de pessoas, mas também de lugares físicos, ruas, instituições, etc.

Outro procedimento de caracterização dos personagens é a *máscara*, a qual consiste em motivos particulares referentes à psique dos personagens. A máscara pode ser apresentada na narrativa através da descrição da aparência do personagem, de suas vestes, de seu alojamento. O próprio nome do personagem assume uma funcionalidade artística de máscara, que caracteriza o personagem sob determinados ângulos. Como exemplo disso pode-se citar as tradições dos nomes-máscaras nas comédias, que exercem a função de designar traços característicos do personagem. Além disso, o vocabulário do herói, suas palavras e as temáticas que tecem seu discurso ao longo da narrativa podem constituir-se como um procedimento de máscara. Em Machado de Assis, tal procedimento encontra-se muito recorrente, especificamente, no conto “Pai contra mãe”, em que o nome do herói “Cândido Neves”, reforçado pelo nome da esposa “Clara”, assegura uma forte carga semântica de brancura e pureza a tal personagem, garantindo-lhe certa distinção social em relação aos negros escravizados, os quais são alvos da captura no ofício de caçador de escravos fugitivos, que o personagem assume na narrativa.

Candido (2000) afirma que o tratamento *externo* dos fatores *externos* situa-se no âmbito da Sociologia da Literatura, a qual, sendo uma disciplina de cunho científico, difere da Crítica Literária, que assume um posicionamento de análise dos fatores estéticos das obras. Desse modo, os fatores sociais e psíquicos, no âmbito da Crítica Literária, devem ser interpretados como fatores artísticos de composição, considerando, assim, a integridade das obras.

Convém salientar o que afirma o autor sobre a obra literária, considerada como uma fusão dialeticamente íntegra entre texto e contexto, situando, assim, os fundamentos teóricos da análise literária, sociologicamente orientada:

[...] o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno* [...]; uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator da arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica para ser apenas crítica (CANDIDO, 2000, p.4-7).

O autor reitera a concepção adotada pelo formalista russo Jirmunski (1978), que não entendia o aspecto formal dissociado do aspecto temático. Assim, uma vez que as obras literárias consistem num todo inseparável entre forma e conteúdo, a abordagem crítica que optamos, neste trabalho, direciona-se numa perspectiva dialética.

2 O NOME DOS PERSONAGENS EM PAI CONTRA MÃE

Conforme cita Bosi (1982), Cândido Neves é branco até no nome, pois, na composição formal de seu nome, existe uma carga semântica de alvura. A construção morfo-semântica do nome deste personagem se dá através do substantivo próprio “Cândido”, que vem do latim *Candidus*, cuja significação consiste em branco, imaculado, puro; além do substantivo “Neves”, que remete ao fenômeno natural do gelo branquíssimo, caído do céu em locais de clima temperado, não comum ao Brasil e, por isso, podendo assumir a significação ideológica de preciosidade, de algo muito raro aos olhos, de uma realidade encantadora. Desse modo, Cândido Neves é representado como um ser branquíssimo. Além disso, ele se casa com *Clara*, o que reforça esse aspecto simbólico, da estética machadiana, de representar o antagonismo entre brancos e negros, na sociedade brasileira do século XIX, sendo aqueles qualificados como superiores em relação a estes.

O nome da personagem *Clara* pode ser associado à figura da companheira de S. Francisco de Assis, no século XIII, S. Clara, a qual fugiu do conforto da casa rica dos pais, em Assis, para viver na pobreza da ermida de S. Damião, fundando uma ordem religiosa de irmãs amantes da *Dama Pobreza*¹. No conto, a personagem *Clara* tem como traço de seu caráter a resignação total ante a situação de pobreza em que viviam ela e o esposo e a tia. Tal resignação é sustentada por uma visão religiosa medieval acerca da providência divina, pois diante da advertência da tia de que se tivessem um filho eles morreriam de fome, Clara afirma: “– Nossa Senhora nos dará de comer [...]” (*Idem*, p.486). Quando o filho veio, nas palavras do narrador: “Tia Mônica ficou desorientada, Cândido e Clara riram dos seus sustos”. A convicção religiosa de Clara em relação ao futuro, auxiliado pela providência divina, transcendia as necessidades materiais de sobrevivência, vividas pela família, o que

¹ *Liturgia das Horas*, Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p.1327-1393.

se expressa nesta afirmação da personagem: “–Deus nos há de ajudar, titia [...]” (*Idem*, p.486). A mesma convicção religiosa tem Cândido Neves, pois diante das incertezas da tia Mônica acerca do sustento da família e da situação instável de trabalho, a resposta incisiva do personagem foi a seguinte: “– Deus não me abandona, e preto fugido sabe que comigo não brinca; quase nenhum resiste, muitos entregam-se logo” (*Idem*, p. 487).

O nome da personagem *Mônica*² pode ser associado à mãe de Santo agostinho, Santa Mônica, a qual é lembrada, em situações consideradas impossíveis de se transformar, como uma figura exemplar da fé, perseverança e paciência, em virtude de sua oração persistente, que levou-a a rezar trinta anos pela conversão de seu filho devasso. Se for válida nossa hipótese interpretativa acerca do nome da personagem, tal nome serve como um recurso de caracterização irônica sobre o perfil da personagem. No conto, tia Mônica é uma personagem bastante realista, marcada pelo ceticismo e incredulidade, pois não acredita na transformação das realidades difíceis, o que faz seu nome ser configurado por uma significação irônica.

3 A RUA DA AJUDA

Observemos o trecho seguinte, em que o personagem Cândido Neves captura a escrava Arminda, na rua da Ajuda:

[...] o agasalhava muito, [...] o beijava, [...] lhe cobria o rosto para preservá-lo do sereno. Ao entrar na rua da Guarda Velha, Cândido Neves começou a afrouxar o passo. – Hei de entregá-lo o mais tarde que puder, murmurou ele. Mas não sendo a rua infinita ou sequer longa, viria a acabá-la; foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do largo da Ajuda, viu do lado oposto, um vulto de mulher: era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme. Descendo a mulher, desceu ele também. A poucos passos estava a farmácia onde obtivera a informação, que referi acima. Entrou, achou o farmacêutico, pediu-lhe a fineza de guardar a criança por um instante; viria buscá-la sem falta (*Idem*, p. 492).

² *Liturgia das Horas, Op. cit.*, p. 1344.

Pode-se constatar uma intensa afabilidade que o pai demonstra em relação a seu filho, materializada na forma de gradação dos verbos (“o agasalhava”, “o beijava”, “lhe cobria”). O ato de “afrouxar o passo” representa a resistência interior do personagem quanto a entregar o filho à Roda, o que se confirma no seu murmúrio (“– Hei de entregá-lo o mais tarde que puder”). A decepção do personagem é que a rua não era infinita e, por isso, ele chegaria ao término dela. Ainda movido pela sua resistência, na tentativa de retardar o desprendimento do filho, surge uma solução parcial (“entrar por um dos becos que ligavam aquela à rua da Ajuda”). Porém, ocorre aí uma ambigüidade, que deixa a dúvida: se essa entrada foi apenas para retardar o tempo ou se configura como uma certa intuição do personagem, acerca da presença de algum negro ou negra fugidos, por aquela localidade.

Há um aspecto bastante simbólico na construção toponímica (“rua da Ajuda”, “largo da Ajuda”). Cândido Neves entra em um beco que, a seu término, dobrando-se à direita, dá no largo da Ajuda; ele vê aquele vulto de mulher mulata – a escrava fugida “do lado oposto”. Neste sentido, o beco pode representar a situação financeira de aperto e escassez que o personagem está vivendo. Porém, no final do beco tem um largo, isto é, simboliza a abundância após a penúria. A denominação “da Ajuda” reforça a idéia de auxílio divino, concepção bem presente na mentalidade do personagem, conforme ele expressa anteriormente no diálogo com tia Mônica. O nome “largo da Ajuda” simboliza, pois, um prenúncio da abundância que se aproxima e, conseqüentemente, da resolução imediata da situação financeira do personagem. Existe, nessa denominação da rua, uma ambigüidade irônica entre a ajuda e a atrocidade, pois é no referido local que o personagem Cândido Neves encontra um meio de resolver imediatamente seu problema, mas também é nesse local que se manifesta seu ímpeto de violência mais forte, no ato da captura da escrava. Então, a “Ajuda” está direcionada somente para o caçador; para a escrava, é a volta ao cativeiro, por meio da mais severa atrocidade.

Além disso, a localização espacial de Cândido e da mulata são bastante relevantes, visto que ele se encontra à direita e a escrava à esquerda. Na tradição judaico-cristã, essas posições representam o binário do bem e do mal, da graça e do pecado, da justiça e da

transgressão, das ovelhas e dos cabritos³. Nesta perspectiva, a direita remete a uma significação positiva, indicando sorte, enquanto que a esquerda representa uma significação negativa, indicando o conceito popular de “azar”, isto é, má-sorte. Trazendo para o contexto do conto, significa dizer que a situação é favorável para o caçador e não para a escrava fugida. Tal convicção, por parte de Cândido, de que a sorte lhe é favorável se reflete no sentimento de “comoção”, que mesmo o narrador, na posição de observador, admite não conseguir descrever a intensidade de tal sentimento, recusando-se, portanto, em fazê-lo e sintetizando-o na adjetivação de seu discurso (“enorme”).

Até na perseguição silenciosa à mulher, a situação mostra-se favorável ao caçador, visto que, ao descer seguindo-a, Cândido encontra a farmácia onde anteriormente tomara informações sobre uma mulata fugitiva. Aquele local se configura, na visão do personagem, como um refúgio emergencial para guardar o filho, enquanto ele sai à caçada da escrava. Ao pedir que o farmacêutico guardasse a criança, ele assegura que não vai demorar, que voltará depressa, o que está materializado nas expressões “por um instante” e “viria buscá-la sem falta”. Tais expressões também representam a ânsia de Cândido Neves, na posição de pai, em conseguir logo o uma boa quantia em dinheiro para salvar seu filho da Roda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, percebemos que a discussão teórica, bem como as análises realizadas são parciais, uma vez que se constituem como uma possibilidade de leitura, dentre diversas outras possibilidades, acerca de um objeto de estudo, sob um determinado ponto de vista, em um determinado contexto histórico. Além disso, essa motivação onomástica de interpretação da contística machadiana. Dessa forma, em virtude do inacabamento epistemológico no campo da pesquisa acadêmica, especificamente em Literatura, tais leituras demandam revisão e aprofundamento posteriores, o que pretendemos realizar em pesquisas de doutorado.

³ Mateus 25, 31-46: O filho do homem, quando vier em sua glória, separará as ovelhas dos cabritos. As ovelhas serão colocadas a sua direita, indo para a salvação eterna; e os cabritos serão colocados a sua esquerda, indo para a condenação eterna.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia* – vol. II. Seleção, introdução e notas: John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOSI, Alfredo. “A máscara e a fenda”. In: BOSI, Alfredo Et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.

Bíblia Sagrada. Tradução dos originais hebraicos e grego: monges de Maredsous – Bélgica. 41. ed. São Paulo: Ave Maria, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. São Paulo: Ática, 1985.

JIRMUNSKI, V. “Sobre a Questão do Método Formal”. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira. *Teoria da literatura: formalistas russos*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

TOMACHEVSKI, B. “Temática”. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira. *Teoria da literatura: formalistas russos*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.